

## “E foi assim que o mundo deu certo”

Alice Soldan Rezende<sup>1</sup>

Ilha do Desterro, 13 de maio de 2024.

*Foi a partir de uma pequena cidade no interior do estado brasileiro de Santa Catarina, chamada Jaraguá do Sul, que o mundo deu certo.*

No 20 de novembro do ano passado, no centro de Jaraguá do Sul, um grupo de batuqueiras e batuqueiros andava pela esquina em frente ao Banco do Brasil, tocando com seus instrumentos estrangeiros, entoando loas de lugares distantes, da África e do Recife.

Os nobres passantes, que não compreendiam a proximidade entre os três lugares (África, Recife e Jaraguá do Sul), estremeceram ao ouvir o som dos tambores. Eles temiam o que ouviam, fechavam as orelhas.

E foi então que o inexplicável aconteceu. Daí se espalhou a centelha, pois o estremecimento passou aos seus corações, que ficaram batucando no ritmo dos tambores.

Seus órgãos vitais, perceberam os cidadãos, eram uma coisa só com os atabaques, gonguês e mineiros, seus pensamentos se misturavam àquelas canções de territórios estrangeiros, às vozes que ecoavam Exú e Iemanjá. Era algo mágico, visceral... seus braços se arrepiaram, sua respiração se acelerou como numa boa noite de amor.

E como muitos deles estavam precisando daquilo, infelizes em suas aventuras de desamor, se deixaram levar pelo som do batuque, que agora não lhes era mais estranho... apenas, estranhamente familiar.



*Coração de um batuqueiro, batuqueira,  
batuqueire... batucando... batuque...  
batuque... batuque...*

Imagem: Marcos (2024)

<sup>1</sup> Email: [alice.soldan@hotmail.com](mailto:alice.soldan@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3504-6781>

E foi assim que o batuque se espalhou, arrastando pessoas as mais diferentes. Shorts brancos, azuis, coloridos... saias rodadas, ternos, vestidos, e calças jeans. Todas as cores se encontravam naquela multidão. Eram homens, mulheres, crianças e adultos, senhoras e senhores, binários ou não. O coração de todes era um só.

Acontece que Jaraguá é conhecida por seus eventos internacionais de música, onde cidadãos aproveitam, uma vez por ano, as delícias do jazz e do blues americano. Um desses eventos ocorreu no 20 de novembro de 2023, e nele se apresentou o pequeno grupo de batuqueiros. Poucos dias depois, uma banda de blues partiu da cidade, arrastando a melodia do grupo para Nova Orleães. A partir de então, o arrastão se arrastou para outros recantos, outras medidas do mundo.

Já se ouve o batuque na Luisiana e na Nova-Guiné, em Paris e Calcutá. Em Serra Leoa, na Namíbia e, também, em Vera Cruz e Madagascar. Na Escócia e na Noruega, dizem que sua dança se aliou ao Ceilidh celta. Na Venezuela o batuque se juntou ao

cuatro, que é uma espécie de violão. Atravessando o leste europeu, ele se uniu ao russo e, então, suas loas foram escritas em cirílico, se misturando a costumes de seus falantes.

Muitos sentiram a resistência, o mesmo temor dos cidadãos de Jaraguá do Sul, um terror cujos fundamentos eles próprios desconheciam. Nada disso importava, pois do momento em que o apito ressoava, as vozes retumbavam e os tambores empenhavam a tremedeira, seus corações tremiam também, eles se estremeciam todos, todas e todes e seus corações pulsavam em um só ritmo, eram um ser só, se arrastando pelos diferentes confins do planeta.



*Em 3 de dezembro de 2023, na Costeira do Pirajubaé, Ilha do Desterro, capital do estado de Santa Catarina (um dos polos difusores), uma senhora saiu de sua casa para benzer os batuqueiros.*

Imagem: Alves (2023)

Há poucos meses, na Universidade Federal de Santa Catarina, ocorria um evento sobre um escritor irlandês chamado James Joyce. Convencidos de que o batuque havia se espalhado a partir de Dublin, estudantes, professoras e professores argumentavam, citando o escritor: “Se eu puder chegar ao coração de Dublin, posso chegar ao coração de todas as cidades do mundo”.

Na sala ao lado, pesquisadores do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução investigavam manifestações concretas do conceito de “pura língua”, do filósofo alemão Walter Benjamin. Em uma palestra que foi bruscamente interrompida, eles e elas traçavam uma previsão. Evoluísse para outra fase o arrastão, e o simples ato de pensar no conceito de “batuque” bastaria para invadir um coração com o impulso indomável de reproduzir cada letra, som ou sinal que lhe estivesse associado, imitando o batuque dos tambores.

“O mais interessante”, eles e elas relatavam, “é que traduções deste conceito bantu em outras línguas fazem crescer exponencialmente o número de batuqueiros, batuqueiras, batuqueiros... batucando... batuque... batuque... batuque...”. E assim sua explicação teve de ser interrompida, por razões de força maior, enquanto da janela se ouviam os tambores chegando.

Desde então, muitos cientistas e acadêmicos/as conseguiram dedicar suas mentes ao arrastão, enquanto seus corpos ainda não o faziam. A diretora do Centro de Pesquisa em Epidemiologia Linguística do Rio de Janeiro fez referência ao filme de terror canadense *Pontypool* (2008) para descrever o fenômeno, que seria, segundo ela, um apocalipse às avessas: “e foi assim que o mundo deu certo”, explicou.

Próximo ou distante, diferente ou semelhante, o tudo veio a ser uma coisa só. Dizem que, no Havaí e no Haiti, o movimento havia começado muito antes de Jaraguá, mas que esperavam o toque de seus irmãos e irmãs para arrastar a todos que estavam naquelas ilhas. Nos templos da China e do Tibet, há indícios de que os monges haviam previsto do alto de seus sonhos milenares a chegada do arrastão. No Japão, ele fez com que o abraço se tornasse corriqueiro. Nem a Antártica escapou... seus cientistas, que já desenvolviam sotaque próprio ao frio do gelo, largaram os microscópios e passaram a cantar as loas de Jaraguá.

Concluo esta crônica com a seguinte questão: quanto tempo para que os outros animais, não humanos, também façam parte do arrastão? Dizem, mas apenas ouvi dizer... que na semana passada os golfinhos e elefantes começaram a dançar, suas nadadeiras e patas não ecoam mais um andar desconhecido, seus passos pisam no toque do batuque universal. Alguém sabe o que os polvos estão fazendo em suas tocas, afinal?



Imagem: Brum (2023)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Viviane. *Uma senhora sai de sua casa para benzer os batuqueiros*. (O grupo se autointitulava, com certa insistência, “Maracatu Arrasta Ilha”.) 3 dezembro 2023. Disponível em: <https://www.arrastailha.com.br/>. Acesso: 1 abril 2024.

BRUM, Helena. *Desenho reproduzindo a foto e o conceito do batuque*. 31 dezembro 2023.

MARCOS, Rogerio. Ilustração de coração humano. *Designi*. Disponível em: <https://www.designi.com.br/0c9416cc8bc8bc8d>. Acesso: 8 abril 2024.



